

VERDADE E ÉTICA

Constança Marcondes CÉSAR
(PUCCAMP/CNPq)

RÉSUMÉ

Il y a, dans les oeuvres de Bachelard, quelques indications au sujet des valeurs éthiques qui doivent inspirer l'activité scientifique; ces valeurs sont le dialogue, la surveillance; et à la "cité scientifique", Bachelard signale la tâche de surveiller cette surveillance.

RESUMO

Podemos extrair das obras de Bachelard lições sobre os valores éticos que devem caracterizar os cientistas e indicações sobre a finalidade moral do conhecimento científico. **Diálogo e vigilância** são esses **valores éticos**; a instância reguladora, a "cidadela científica".

Bachelard não escreveu com o escopo específico de propor uma ética para os cientistas. Mas de suas obras podemos extrair lições sobre os valores **éticos** que devem caracterizar os cientistas e indicações sobre a **finalidade moral do conhecimento científico**.

Diálogo e vigilância são os valores éticos do cientista; a instância reguladora dá-se pela proposição do **corracionalismo da cidadela científica**.

A **cidadela científica** é constituída pela "união dos trabalhadores da prova" (**Le rationalisme appliqué**, p. 31), buscando, ao longo da história da ciência, uma racionalidade cada vez mais fina.

Crítico do racionalismo moderno, crítico do cartesianismo, Bachelard funda a atualidade do racionalismo, sem recorrer à dúvida metódica. A atualidade do racionalismo é apoiada não apenas na clareza na presença das idéias em nossa consciência, mas também na disponibilidade de trabalharmos com esse material de idéias.

Contra os “intuicionismos, existencialismos e fenomenologismos” (id. p. 32), que recebem essa atualidade de uma presença do objeto que lhes é oferecida, o racionalismo bachelardiano “chama os pensamentos (...) seguindo uma ordem de precedência (...) [onde] as idéias organizadas podem ser chamadas com segurança à consciência e tornarem-se, assim, **metodicamente presentes** (...)” (id.).

Reflexão segunda, reflexão sobre a reflexão, tal é a ciência contemporânea, centrada numa **memória racional**, em teoremas puros, em evidências discursivas. Nesta ciência, a clareza decorre da “clareza mútua das idéias associadas” (id., p. 33).

Contra o intuicionismo, Bachelard opõe o pensamento **retificado**; contra o existencialismo, o **co-existencialismo**; para ele, a complexidade é o valor mais alto do **racionalismo dual** - pensamento em vir-a-ser, “promoção de ser” (id.), do sujeito que apreende a si mesmo e ao real.

Inspirando-se em Kant, que propõe a discussão das condições em que afirmações sobre a natureza podem ser abordadas a partir de conceitos matemáticos, Bachelard mostra que a “física e a química contemporâneas nos põem em presença de diferentes aproximações à verdade”, caracterizando “a estrutura de um conhecimento aproximativo”, que retifica seus fundamentos incessantemente.

Bachelard reconhece certa concordância entre seu pensamento e o idoneísmo de Gosseth (id., p. 37), afirmando que a coexistência das idéias científicas se desenrola num tempo repensado, reorganizado.

Contra o essencialismo, o existencialismo, nosso autor propõe um **co-essencialismo**, um **co-existencialismo**; denuncia a

evidência imediata do empirismo, mostrando que “a ciência não é o pleonasma da experiência (...) [pois] **só há ciência daquilo que está oculto**” (id., p. 38), e **conhecer é descobrir** as leis ocultas, multiplicar as relações racionais. Descobrir é estender noções, intensificar a ordenação racional, **reorganizar** constantemente o campo epistemológico.

O reconhecimento de valores de **coerência** conduz à **coexistência**, isto é, ao compreender, por um sujeito que faz a outrem compreender uma certa coesão, um certo valor racional. A intersubjetividade assim alcançada caracteriza a objetividade científica, ao longo da história do saber. Nasce dessa forma, uma cultura científica que desencadeia experiências novas, acontecimentos da razão. Para Bachelard, o racional não se reduz ao lógico; ele sublinha a intersubjetividade racionalista como “gosto nunca apaziguado de aprender” (id., p. 45).

O saber científico se caracteriza pela **admiração refletida** perante o objeto e por uma estética da organização das idéias. Resulta não numa “ontologia da intuição mediata de um cogito inicial” [mas] (...) na “lenta e progressiva busca de uma **ontologia discursiva** na qual o ser se consolida pelo seu conhecimento” (...) [e em vez de] “**ser afirmado** em um cogito inicial (...) [é] **confirmado** [pelo] trabalho ordenado” (id., p. 46).

O eu racional não é mero cogito, é “consciência de retificação (...) programa de experiências”, e o não eu não é mero “**mundo construído** (...) [mas] **mundo retificado**”. “problemática constituída” (id., p. 51).

O **sujeito racional** deve ser apreendido dialeticamente: aberto ao mundo e desdobrado em si, assumindo em si múltiplas instâncias julgadoras, múltiplos cogitos; o **objeto**, abordado não apenas como **objeto designado**, mas como **objeto instrutor** (id., p. 54), numa perspectiva metafísica que enfatiza o acoplamento entre sujeito e objeto.

O acordo intersubjetivo vai decorrer, não mais de uma intuição direta e imediata, mas “de uma designação progressiva e discursiva, cortada por numerosas retificações” (id., p. 54) da

experiência, pela ruptura com o senso comum. A comunhão racional de um eu-tu indica que se auxiliam na busca da solução de um problema (id., p. 56). O desdobramento racional de um problema supõe que o sujeito pensante tome consciência do objeto como problema, enumere seus conhecimentos para solucioná-lo e ponha em questão as bases mesmas desses conhecimentos.

Assim, no “racionalismo questionante”, o “Problema é o apoio ativo da investigação” (id., p. 57).

A mobilização racional tem como etapas: “Fundação, coerência, dialética e problema (...)” e é sobre estes quatro momentos que se apoia o cogitamus, isto é, o diálogo entre o eu e o tu racionalistas, que chegam a um acordo discursivo, não a uma concordância absoluta.

As certezas do sujeito racionalista estão fundadas na psicanálise do conhecimento, que o leva a perceber os obstáculos epistemológicos em si e no outro, ou seja, a vinculação inicial do investigador a valores irracionais. Põe-se, deste modo, o “cogito da obrigação mútua”, que consiste em expor ao outro os acontecimentos que me obrigam a pensar de tal modo; é, inicialmente, certeza “do acordo com o outro racional” (id., p. 58); é também “constatação da resolução de um problema”, “socialização da verdade” (id.).

As verdades científicas aparecem como coordenadas, codificadas; e “é do tu que vem a prova da fecundidade de meu próprio pensamento”, pois o tu está ligado, no racionalismo científico, ao “controle, à verificação, à confirmação, à psicanálise, ao ensino, ao normativismo (...) formas [essas] de coexistência” (id., pp. 59-60).

No sujeito pensante instala-se um tu vigilante, em face de si mesmo; e o cogitamus se torna coexistência, uma “tessitura de coexistência, não mais um fio de existência” (id., p. 60). A clareza decorre, não mais de uma intuição imediata, uma presença imediata de si em si mesmo, mas da partilha, com o outro, das razões em que se funda a solução do problema: “(...) a precisão é uma instância de eu-tu” (id., p. 63).

No plano do sujeito cognoscente, o outro interno com o qual o cientista se defronta, decorre da vigilância intelectual de si. A supervigilância é abordada, por Bachelard, a partir das duas implicações individuais e culturais, na sua dialética. O pensamento parece ter uma dimensão secreta, ao contrário das emoções, patentes no rosto de quem as experimenta. No campo da reflexão, a oposição secreto/manifesto implica que a liberdade de pensamento só exista quando o sujeito for capaz de dominar este dualismo.

Como ulteriormente em Ricoeur, em Bachelard as fontes do estudo dessa oposição são Nietzsche e Freud, e a ficção é um lugar privilegiado de exposição da “divisão do sujeito” (id., p. 67), “determinação do ser pensante” (id.).

O sujeito se contrapõe a si mesmo também na dialética objeção-resposta, suposição-controle, passado-presente; emerge, assim, “uma ontologia distribuída em dois ou muitos níveis de ser” (id.). A tarefa da cultura científica é promover a consciência da divisão, a vontade clara de se dividir, e mostra que, na razão-polêmica, na razão que polemiza consigo mesma, até o erro tem um sentido positivo, é propulsor de ser. É este aspecto polêmico da verdade, assinalado por Nietzsche e pela psicanálise, que vai interessar Bachelard. O visível tem uma contrapartida invisível: aquilo que se busca esconder.

O doente imaginário, como Freud bem o mostra, supõe como verdadeira a existência permanente de uma vigilância exterior. Mas Freud postula, na psiquê, uma instância observadora, separada do restante do eu. Para Bachelard, Freud não estudou o desenvolvimento bem sucedido desta cisão da consciência, mas somente a sua anomalia. A cisão bem sucedida tem um valor positivo, implica vida dialogada, pondo em questão o julgamento que fazemos de nós mesmos; em Bachelard, a censura freudiana é substituída pela noção de vigilância, a qual comporta diversos níveis. É uma cisão voluntária, da consciência que assume a responsabilidade de objetivação; à instância observadora que a consciência clara propõe para si mesma, Bachelard chama de “super-ego-in-telectual” (id., p. 75). Sua “severidade justa” se expressa de três modos fundamentais: “pelas experiências objetivas,

pelos encadeamentos racionais, pelas realizações estéticas” (id., p. 76). Seu modelo por excelência é a arte, na qual o mestre corrige e ensina através da correção. Os mestres representam, na cultura científica e no campo da arte, aquilo que o super-ego intelectual representa para o sujeito individual: são as **super-pessoas**, que personificam a vigilância da cultura, o apelo a uma evolução.

Bachelard propôs, na sua análise do cogito, uma psicologia exponencial, uma hierarquização do cogito em diferentes níveis de complexidade; no campo da vigilância, esta hierarquização também é possível. Assim, Bachelard diz que para a “vigilância de si mesmo que seja segura, é preciso, de algum modo, que ela própria seja vigiada” (id., p. 77). Ao primeiro nível de vigilância, é possível acrescentar a **vigilância da vigilância** ou (vigilância)², e até mesmo falar de **vigilância da vigilância da vigilância** ou (vigilância)³ e até de (vigilância)⁴. Ao primeiro nível, corresponde a atenção ao fato, a expectativa de um evento; é, pois, dirigida ao objeto de estudo. Ao segundo nível, corresponde a consciência do método, a psicanálise do conhecimento objetivo. Ao terceiro nível, o questionamento do método, a crise da interpretação dos fenômenos, a história recorrente da ciência. Bachelard postula, ainda, um quarto nível da vigilância, que abala a fé irracional na razão; é a zona da poética, onde, “o ser pensante de repente se espanta de pensar” (id., p. 81).

O valor fundamental da filosofia bachelardiana é o **diálogo: diálogo consigo**, estabelecendo níveis diversos de apreensão de si, níveis diversos de vigilância intelectual; **diálogo com o objeto**, diálogo entre o abstrato e o concreto, fazendo emergir uma profusão de teorias, uma infinita aproximação ao mistério da matéria; **diálogo com os outros cientistas**, no plano de uma história recorrente e no plano da discussão e crítica recíprocas, por fidelidade à verdade.

O progresso do conhecimento visa a felicidade intelectual, pois “o homem tem um destino de conhecimento (...)” “um destino sem fim”, pois “Conhecer só pode despertar um único desejo: conhecer mais, conhecer melhor” (*L’activité rationaliste de la physique contemporaine*, p. 223), descobrir a verdade, barrando o irracional (id., p. 27).

É dentro da história das ciências, é constatando as rupturas e mudanças profundas que as descobertas novas produzem no saber científico, que o homem reconhece seu destino, como o "ser das transformações (...) realizando a experiência do vir-a-ser psíquico prolongado, renovado, retificado, que é precisamente o vir-a-ser atual da ciência" (id., p. 4).

"A compreensão" tem um sentido espiritual, "é um impulso espiritual" (*Le Nouvel esprit scientifique*, p. 179). Bachelard reencontra, nessa perspectiva que propõe da leitura da história das ciências, o tema do *L'engagement rationaliste*: a ciência nunca é motivo de fracasso ou destruição do homem; é progresso em direção à verdade, à racionalidade; aprofundando seus conhecimentos, o homem se humaniza, se espiritualiza, se abre ao outro.

A aventura intelectual mostra que os eixos da poesia e da ciência podem ser complementares, pois no ápice da criação científica existe uma dimensão intuitiva, que é próxima da criação poética. Há uma estética da inteligência, assinalada por Bachelard, e que tem parentesco estreito com sua poética. É o caráter dinâmico do saber científico e da criação artística - que nos fazem sonhar e ver de modo novo o imediatamente dado - que Bachelard põe em relevo em suas obras. É a paixão, que em ciência conduz ao questionamento e ao novo, e na arte, à compreensão poética do mundo e à criação de obras, que Bachelard explicita em seus escritos.

O homem criador é alguém que, através da razão, científica ou poética, alcança a felicidade moral.

"Ser entreaberto", aberto a si e aberto ao mundo, o homem busca, na sua existência, verdade e transcendências.